

José Craveirinha

“Impoética Poesia”¹

Jorge Fernandes da Silveira*

¹ Texto apresentado no I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, realizado na Universidade Federal Fluminense, em 1991, e editado em seus *Anais*, em 1995.

* Universidade Federal Fluminense

José Craveirinha recebeu o Prêmio Luís de Camões de 1991. Como um dos membros do júri, sinto-me duplamente recompensado pois, ao reler a obra do poeta para este trabalho, soube de vez o que já sabia: José Craveirinha é um grande poeta.

Apresento o meu texto por meio de perguntas, a fim de que elas me permitam algumas reflexões que, espero, sejam do nosso interesse e que nos provoquem mais reflexões.

A primeira pergunta gira em torno de Luís de Camões, não exatamente em torno do Prêmio Luís de Camões; mas, motivado por ele, a primeira questão assinala a relação do poeta, um moçambicano, um africano, portanto, com a língua e a cultura portuguesa impostas. Leio o poema “Inclandestinidade”, publicado em *Cela 1*, de 1980.

INCLANDESTINIDADE

Eu jamais movi um dedo na clandestinidade.

Mas militante de facto sou.

Por acaso até nasci numa grande e próspera colónia.

Depus flores na estátua do Sr. António Enes
recitei versos de Camões num tal “dia da raça”
cheguei a cantar uma marcha chamada “A Portuguesa”

Cresci.

Minhas raízes também cresceram

e tornei-me um subversivo na genuína ilegalidade.

Foi assim que eu subversivamente
Clandestinizei o governo
Ultramarino português.

Foi assim! (1980, p. 85)

A partir da declaração de *princípio* do último verso – “Foi assim!” –, formulamos as seguintes questões: foi assim como? Como é nossa opção clara, não o quê, já que todos sabemos a história da colonização do branco sobre o negro. Foi assim como? Como ser clandestino, militante de fato e subversivo na genuína ilegalidade?

Primeira resposta em questão: na poesia de José Craveirinha, a apresentação de como é possível transformar a lição do colonizador em instrumento para sua própria destruição é um dos aspectos mais importantes. No desenvolvimento deste trabalho é de fato a mais importante. Vejamos outro poema de *Cela 1*, p. 16.

AFORISMO

Havia uma formiga
compartilhando comigo o isolamento
e comendo juntos.

Estávamos iguais
com duas diferenças:

Não era interrogada
e por descuido podiam pisá-la.

Mas aos dois intencionalmente
podiam pôr-nos de rastros
mas não podiam
ajoelhar-nos. (1968)

A recusa de cantar a voz do dono (“His Master’s Voice”, 1982, p.59), de repetir a retórica do colonizador (Cf. *Os Lusíadas*, o Dia da Raça) e o desrespeito ao discurso de persuasão da superioridade branca fundamentam-se, de maneira inteligente, quero dizer, revolucionária, na poesia de Craveirinha.

Através da opção pelas “minhas raízes”, aquele que se propõe a clandestinizar o que lhe é ensinado à força reivindica a força do aforismo no ato de rebeldia contra o “aportuguesamento” (Cf. “Uisque Black & White”, 1980/a, p. 79).

Estamos, todos sabem, no terreno do mito, da expansão de um saber popular que por meio do aforismo busca *o nome das coisas* (“Hino à minha terra”, 1980/b, p. 21-23) no seu sentido mais primário, o que quer dizer livre de qualquer valor perverso, como o exótico, por exemplo.

Sem dúvida a oralidade é terreno fértil para a pedagogia do oprimido. É desse confronto entre o discurso de persuasão imposto pelo colonizador e o discurso inteligente que, através do aforismo, o colonizado convoca, invocando o seu próprio imaginário, que se levanta a identidade do diferente, da diferença de ser negro (não do negro) na poesia de José Craveirinha. Lembro mais dois poemas. Um deles é célebre.

PENA

Zangado
acreditas no insulto
e chamas-me negro.

Mas não me chames negro.

Assim não te odeio
Porque se me chamas de negro
encolho os meus elásticos ombros
e com pena de ti sorrio. (1980/a, p. 62)

GRITO NEGRO

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
E fazes-me tua mina.
Patrão!

Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão
Para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não
Patrão!

Eu sou carvão!
E tenho que arder, sim
E queimar tudo com a força da minha combustão.

Eu sou carvão!
Tenho que arder na exploração
Arder até às cinzas da maldição
Arder vivo como alcatrão, meu Irmão
Até não ser mais tua mina
Patrão!

Eu sou carvão!
Tenho que arder
E queimar tudo com o fogo da minha combustão.

Sim!
Eu serei o teu carvão
Patrão! (1980/b, pp. 13-14)

Os termos, os traços da identidade são simples e contundentes, claros e incisivos: o saber-se outro como estratégia de luta. Ou seja: há um saber do externo e do interno de si, que, para o negro, se ergue como estratégia na guerra das linguagens. É uma estratégia poderosa, visto que reivindicada no Tempo e no Espaço imemoriais do inconsciente.

Para que possamos formular novas perguntas, sintetizemos as anteriores: em boa linguagem proverbial, o feitiço vira contra o feiteceiro. Quanto mais o branco ao negro lhe quer tirar a identidade, moldando-a à sua imagem e semelhança, mais o negro se lhe escapa, pervertendo os instrumentos mesmos usados no projeto da sua alienação.

Sem subestimar a justeza do quadro que até aqui se visualiza, isto é, a repetição do modelo clássico colonizado X colonizador, gostaríamos agora de conduzir estas reflexões por meio de outros argumentos.

No poema “Aforismo”, a partir da comparação com a formiga, o homem se vê diante do acaso que os coloca em estado de igualdade e diferença.² No cotidiano trágico da prisão política, ocorre o acontecimento extraordinário de se considerarem mais uma vez os limites entre a natureza hu-

² “Homem e formiga” (1982, pp.36-7) desenvolve estas questões.

mana e a natureza animal (e é difícil não lembrar aqui a cena da tortura no *Levantado do chão* de José Saramago): o dom da fala, o estatuto do mínimo sob a alta estatura do homem, a dignidade de um que não se dobra por convicção diante do outro que não se ajoelha por impossibilidade. É este um belo momento para se pensar, à luz da retórica do silêncio, a diferença entre o silêncio como opção e o silêncio como impossibilidade da fala. No fundo sabemos que esta é uma diferença de ordem conceitual, pertencente à natureza do sólido mundo das abstrações do conhecimento e que, não obstante, um golpe de poética (ou de impoética poesia como Craveirinha quer a sua)³ ou ainda de aforismo pode alterá-la.

O que gostaríamos mesmo de saber é como se formulam de modo pertinente perguntas em torno da questão da diferença e da semelhança na poesia de José Craveirinha, já que temos a certeza de que esse é um dos aspectos mais interessantes, inovadores e contraditórios dos/nos seus poemas.

Partimos do pressuposto de que a recusa do branco em reconhecer a cultura do negro é a um só tempo razão da sua existência e impossibilidade da sua sobrevivência.

Há meios de tornar estes pressupostos mais polêmicos ainda. Se, ao invés dos pares claramente opostos negro X branco, optássemos pela busca do sentido da diferença dentro dos limites do que se entende como semelhança/igualdade. Por exemplo, a relação entre os oprimidos. E se entre os oprimidos focalizássemos a mulher? Talvez chegássemos à conclusão de que mais oportuna do que a oposição entre diferença e igualdade seja a relação entre diferença e equivalência.

A uma primeira leitura, a mulher – apesar de algum ato revolucionário (Cf. “Greve”, 1982, p. 21) – se fixa na imagem de mãe, da Mãe-África, aquela que vai gerar e parir a revolução. Revolução que o homem há-de conduzir (Cf “Milagre”, 1982, p. 22). A contra-face, degradada, dessa figura

³ Já nos seu primeiro livro, *Xigubo*, (1 ed. 1964), Craveirinha, num poema em homenagem a um “negro chope”, estabelece o padrão de sua poesia: “(...) e da tua conforme cobardia/farei para ti em mil novecentos e sessenta e um inteiro o som/e completa a fúria/desta minha inexorável/impoética poesia”. É interessante comparar a segunda versão destes versos em 1982 : “(...) farei para ti neste ano de mil novecentos/e sesenta e um aqui na Mafalala/inteira a beleza do som/e completo o lirismo da fúria/desta minha insubordinada/impoética poesia”. (1982, p.128).

é a prostituta, vista através de um halo de pena, simpatia e culpa (Cf. p.ex. “Mulata Margarida”, (1980/b, pp. 41-2).

Mulher *de verdade*, porém, na poesia de Craveirinha tem *um* nome. Maria nome da sua mulher. Morta, todo um livro, *Maria* (1988), lhe é escrito.

Porque sobre todas as coisas Maria é a que sabe decifrar aforismos, enigmas.

“Enquanto os cães ladram
as caravanas passam”
diz um antigo
aforismo árabe.

E quando nos mordem os cães
e os rafeiros nos rosnam
ao passarem os carros?

Um camelo azul pasta num oásis de ervilhas
e velhos sábios calam-se a perscrutar as dunas

Se eu perguntasse à Maria
– calmamente tomando seu chá de limão –
a Maria havia de me dizer. (1988, p.36)

Maria é a que guarda a chave da sabedoria popular, da oralidade primitiva, da raiz de linguagem revolucionária; Maria, se vista à luz da fantasia do homem em torno da mulher e da sua natureza de dar nascimento às coisas que ele transforma, é a detentora da identidade, por ser “mãe” da poesia oral, por sua vez “mãe” da poesia letrada.

Agora Maria é morta. Felizmente... para a poesia, se me entendem! Maria apresenta a continuidade entre a forma natural de expressão e a Poesia. Morta, é como se o poeta dissesse perder-se com ela a memória das coisas, as fontes do imaginário que ele manipula, o inconsciente em suma.

Levariam estas questões em torno das formas de expressão na poesia de Craveirinha a uma compreensão mais atualizada do discurso do colonialismo? Mesmo a memória de uma língua antiga – a que se expressa por aforismos – é uma ação progressiva em direção inexorável ao futuro da e na linguagem?

O que nos perguntamos é se, na poesia de Craveirinha, a diferença é um valor a ser preservado nas relações com o “seu semelhante” (o colonizado, homem ou mulher) com a mesma força com que é reivindicado na luta contra aquele que lhe aparece como a imagem imposta da mesmidade, mas que ele sabe ser a do seu diferente (o colonizador).

A morte de Maria – insisto – fez com que o aforismo, isto é, a identidade como *práxis* discursiva – fique, de fato, ameaçado pela “falta”. Falta outra que pode levar o discurso da poesia a reconsiderar a lógica do discurso do colonialismo (o confinamento do colonizado ao silêncio) e a sua estratégia de subversão desse discurso (a reivindicação da sua força e diferença).

Aproximaria este desaparecimento de forma abrupta duas formas discursivas antagônicas, que não deixam de ver a mulher através de um estereótipo (a que recolhe o saber da terra, mitos, lendas, aforismos)? No poema lido, sem dúvida, **O PAI IDEAL** se diz “Castrado” naquilo que o identificava e que o instrumentalizava contra o colonizador.

Aqui o impasse: é possível uma articulação revolucionária com uma forma ao mesmo tempo arcaica e progressiva? É possível a complementariedade dos contrários nos termos propostos por Homi Bhabha?: “... uma forma não repressiva de conhecimento que permite a possibilidade de abarcar simultaneamente duas convicções contraditórias, uma oficial e uma secreta, uma arcaica e uma progressiva, uma que permita o mito de origem e outra que articule a diferença e a separação”. (1991, p. 199)

Sintomaticamente Craveirinha anda calado desde *Maria*. Mesmo aqueles que, como ele, dizem “Sou daquela raça/dos revolucionários mais puros/ no amor à beleza feminina” (“Tempo de ruskas”, 1980/a, p.88) são, às vezes, os que impõem à mulher o silêncio dos bichos (o da impossibilidade, não o da opção de silêncio ou fala).

A resposta, contudo, talvez seja afirmativa, pois não escapa a poemas de Craveirinha o que na poesia de Camões é a marca da sua atualidade. O modo como soube, por um lado, dizer não, num *breve livro*, aos excessos clássicos de deuses voluntariosos, quicá totalitários, e como soube, por outro lado, administrar engenhosamente as fontes populares de expressão. No dia 10 de junho de 1991, ao receber o Prêmio Camões, J. Craveirinha poderia ter lido “Vila Algarve”, um dos seus mais belos poemas e excelente argumento nestas questões:

Privilégio de alvenaria
adapta aos menos loquazes.

Ou se falava
ou dele se boatava na cidade
a fuga.

O portão da tua vigília
e eu ainda estamos
No entanto um típico tremor
quando olho os clássicos azulejos
são os meus joelhos a falar.
Foram vinte e quatro séculos morridos
em duas dezenas de horas de pé:
Graças à tua desobediência lá fora
não foi necessário constar
que o José Craveirinha fugiu.

Devo-te, Maria no
epílogo do pânico
manter-me calado
sem me sentir um verme. (1988, p. 59)

Vila Algarve:

Jogo de alternâncias em que se celebra o rigor do silêncio: através de movimentos de retenção e de fuga, o silêncio constrói o diálogo outro entre dois sujeitos que se identificavam como fundadores de práticas discursivas menos complementares que hierarquizantes (o popular e o poético). No poema, há, pelo menos, duas interpretações importantes: 1) a liberdade de expressão como uma interlocução de contrários: silêncio X fala, dentro X fora, hiperbólico X breve ; 2) a solidariedade no silêncio, ao invés de significar a derrota da liberdade de expressão da fala, pode ser o exercício de construir outra estratégia discursiva. Poema, em suma, em que a lembrança de outro, orientador destas reflexões (“Aforismo”), não esgota a novidade de que neste a oralidade é vista à sombra de um aforismo (ajoelhar-se ou não) que revela “o caráter relacional de toda identidade”(LACLAU, 1981), anunciando um novo horizonte para a experiência cultural (racial e sexual).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRAVEIRINHA, José. *Cela 1*. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *Karingana ua karingana*. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. *Maria*. Lisboa: Alac, 1988.

_____. *Xigubo*. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1980.

BHABHA, Homi. "A questão do outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo".

In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Pós-Modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LACLAU, Ernesto. "A política e os limites de modernidade". In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Pós-Modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.